

A ‘Sequência’ das Bem-Aventuranças (Mt 5,3-16) à luz da Retórica Bíblica

ISAÍAS HIPÓLITO

Em 1994, por ocasião de uma reunião de exegetas docentes em Roma, o Professor Roland Meynet, S.I., da Universidade Gregoriana, teve o ensejo de se pronunciar sobre a recepção com que fora acolhida, no campo exegetico, académico e eclesiástico¹, a metodologia de interpretação da Escritura por ele recuperada e desenvolvida – a Análise Retórica². Meynet começou por referir os frutos que, na opinião dos seus críticos, mais se salientam: 1. para a *critica textus*; 2. para a tradução; 3. para a interpretação dos textos³. Sem excluir nenhum desses contributos, o conhecido exegeta francês realça aqueles que, do seu próprio ponto de vista, merecem ser reconhecidos como «os principais frutos da análise retórica». São dois:

¹ Um ano antes, em 15 de Abril de 1993, a Comissão Pontifícia Bíblica, presidida pelo então Cardeal Joseph Ratzinger, emanara um influente documento, originalmente em francês, e intitulado *L'interprétation de la Bible dans l'Église* (Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1993). A propósito da ‘Análise Retórica’, o documento reconhece a existência de «aspectos característicos na tradição literária bíblica», designadamente, «as múltiplas formas de paralelismo e outros procedimentos característicos do modo semítico de compor». O documento reconhece que o estudo destes expedientes, típicos da retórica bíblica, «permite discernir melhor a estrutura literária dos textos, a qual só poderá conduzir a uma compreensão mais adequada da sua mensagem». Cf. Joseph FITZMYER, *The Biblical Commission's Document «The Interpretation of the Bible in the Church»: Text and Commentary*, Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico 1995, 56.

² No seu recente, e monumental, *Traité de rhétorique biblique* (Paris: Lethielleux, 2007; a obra contém cerca de 700 páginas), Roland Meynet consagra um capítulo inteiro à História (moderna) da Retórica Bíblica (p. 31-110), fazendo-a remontar a autores ingleses, franceses e alemães do século XVIII, realçando-se de modo particular Robert Lowth (1710-1787).

³ A mesma comunicação foi publicada com o título «I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi biblica», na revista *Gregorianum* n.º 77/3, (1996), p. 403-436.

1. o facto de a Análise Retórica fornecer procedimentos e critérios científicos – de tipo linguístico – para a *delimitação das unidades literárias* nos diversos níveis de organização do texto, de sorte que a própria noção de ‘contexto’ adquira, também ela, uma feição verdadeiramente *científica*;

2. *proporcionar as condições para uma interpretação* que permita ‘compreender’, isto é, captar as relações significativas entre as unidades literárias, nos diferentes níveis de estruturação do texto resultantes da própria ‘composição’ originária⁴.

O presente estudo, originariamente escrito no âmbito de um Seminário orientado pelo Professor Meynet sobre a Retórica Bíblica, propõe-se, acima de tudo, contribuir para o debate sobre este método de análise da Sagrada Escritura. Mais do que discorrer sobre os seus princípios, vamos aplicar a análise retórica a um dos passos mais conhecidos do Novo Testamento, justamente celebrado como texto fontal da vida cristã – as ‘bem-aventuranças’⁵. Assim, na linha do que o próprio R. Meynet considera mais frutuoso no seu método, o nosso primeiro propósito será justamente salientar a importância de uma delimitação criteriosa da sequência em que se inserem as ‘bem-aventuranças’, como condição para a sua coerência formal. Defenderemos, assim, a leitura ininterrupta de Mt 5,13-16, como parte do mesmo fôlego exortativo que abarca as ‘bem-aventuranças’ (Mt 5,3-12). Em seguida, ao nível da *critica textus*, deter-nos-emos nas duas principais questões que subsistem na actual discussão sobre o texto de Mt 5,3-16; uma proposta de solução será oferecida a partir dos princípios da Análise Retórica. *Pari passu*, apresentaremos uma tradução da *sequência*⁶ correspondente a Mt 5,3-16.

⁴ Cf. R. MEYNET, «I frutti dell’analisi retorica», 436.

⁵ A opção pela análise (retórica) de uma unidade de texto como a *sequência* não ignora que a Análise Retórica contribui significativamente para a descoberta e a interpretação de unidades superiores, como as *secções* e o próprio *livro* no seu todo.

⁶ No léxico desenvolvido por R. Meynet, a ‘sequência’ é uma unidade retórica dos ‘níveis superiores’ (i.e. autónomos) formada por um ou mais ‘passos’. O ‘passo’ («passage») corresponde à primeira unidade ‘autónoma’, composta por uma ou diversas ‘partes’ (conjuntos estruturados de segmentos); i.e., é a primeira unidade retórica dos ‘níveis superiores’ em que um texto pode surgir composto. Equivale à ‘perícopa’ dos exegetas.

O léxico dos termos técnicos utilizados na Retórica Bíblica pode consultar-se nas monografias de R. Meynet. Veja-se, por exemplo, *L’Évangile de Luc*, Paris: Lethielleux, 2005, p. 25-27.

I. Delimitação e divisão interna

A análise retórica fornece critérios seguros para a demarcação das unidades de texto, quer ao nível da sua divisão e organização interna, quer ao nível do seu limite externo. Começemos por explicitar este último.

Mt 5,13-16 como parte integrante da sequência

Se não há dúvidas quanto à delimitação do *início* (em Mt 5,3) da unidade de texto a que pertencem as 'bem-aventuranças', o mesmo não se pode afirmar quanto ao seu epílogo. Nas modernas edições da Bíblia, o mais comum é colocá-lo em Mt 5,12⁷. Todavia, na recente bibliografia mateana, é intrigante verificar a propensão dos especialistas para alargar as extremidades da unidade de texto⁸, de modo a nela se incluírem os versículos subsequentes sobre ser 'sal da terra' e 'luz do mundo' (vv.13-16). Contudo, nem sempre são identificados com clareza os critérios pelos quais estes versículos hão-de ser vistos como parte integrante da unidade de texto das bem-aventuranças. Ora, esses critérios são o *próprio texto*, com suas repetições, seus paralelismos, os quais, uma vez explicitados, mostram a coerência formal da unidade de texto, com seu início no v. 3 e seu final no v.16, formando, por isso mesmo, uma *sequência*. A nossa tradução (literal) de Mt 5,3-16 (veja-se a página seguinte), bem como a disposição do seu texto no todo da *sequência* (veja-se mais adiante), são suficientemente elucidativas das afirmações que acabamos de fazer.

⁷ Em português, veja-se, por exemplo, a última edição da Difusora Bíblica e a TOB.

⁸ Veja-se, p.e., o esquema geral do Sermão da Montanha, nos comentários de Ulrich Luz, *Matthew 1-7*, A Continental Commentary, Minneapolis 1992, 212; de H.D. BETZ, *The Sermon on the Mount*, Minneapolis: Hermeneia, 1995, 155; e de J. DUPONT, *Les Béatitudes. III: Les évangélistes*, Paris: 1973, 315.

Mt 5,3-16: tradução literal

³ Bem-aventurados os pobres em espírito	porque deles é o reino dos Céus!
⁴ Bem-aventurados os mansos	porque eles herdarão a terra!
⁵ Bem-aventurados os que-choram	porque eles serão-consolados!
⁶ Bem-aventurados os com-fome e com-sede da justiça	porque eles serão-saciados!
⁷ Bem-aventurados os misericordiosos	porque eles receberão-misericórdia!
⁸ Bem-aventurados os puros de coração	porque eles a Deus verão!
⁹ Bem-aventurados os pacificadores	porque eles filhos de Deus serão-chamados!
¹⁰ Bem-aventurados os perseguidos	por causa da justiça porque deles é o reino dos Céus!
¹¹ [Vós] sois bem-aventurados!	
Quando vos insultarem e perseguirem e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por causa de mim,	
¹² alegrai-vos! E exultai	porque a vossa recompensa é grande nos Céus!
Do-mesmo-modo, de facto, perseguiram os profetas antes de-vós	
¹³ Vós, sede o sal da terra!	
Se o sal, porém, se-corromper,	com que se-há-de-salgar?
Para nada serve,	excepto para ser-deitado fora para ser-pisado pelos homens.
¹⁴ Vós, sede a luz do mundo!	
Não pode uma cidade estar-escondida	sobre um monte situada;
¹⁵ nem se-acende uma candeia	para colocá-la debaixo do alqueire
mas em-cima do candelabro	para que-ela-brilhe perante-todos-os-que-estão na casa.
¹⁶ Do-mesmo-modo, brilhe a vossa luz perante os homens	de-modo-que eles-vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que-está nos Céus.

Notemos os três aspectos mais salientes⁹:

1. 'Céus' aparece nos extremos da sequência (3 e 16c); o termo surge também em 10b e 12b. Ora, é de notar que 10b («porque deles é o reino dos Céus») repete 3b, palavra a palavra. Necessário será, por isso, indagar a relação entre 12b e 16c.

2. 'filhos de Deus' (9) e 'o vosso Pai' (16c), do mesmo modo que 'ver' (8 e 16b), surgem em posições idênticas (i.e., como 'termos finais'), no seio de

⁹ Nas duas observações seguintes, adoptamos a argumentação de MEYNET, «I frutti dell'analisi retorica», 409-410.

um passo que exhibe uma certa regularidade (os vv. 3-9), logo interrompida pelo passo subsequente – respectivamente, os vv. 10-12 e 17-20. Estes últimos, constituem já uma perícopa diferente, e portanto marcam o limite exterior da sequência correspondente a Mt 5,3-16.

3. As duas bem-aventuranças sobre a perseguição comparecem no centro da sequência, de sorte que o verbo "perseguir" surge por três vezes (vv.10.11.12).

Vemos, assim, que a questão da delimitação não pode ser satisfatoriamente resolvida *a priori*, com base em critérios subjectivos, alheios ao plano que nos foi *efectivamente* legado pelo próprio texto do evangelista. A decisão por uma determinada delimitação, seja da perícopa das 'bem-aventuranças', seja de *qualquer outro* texto bíblico, há-de decorrer de uma intencionalidade holística comprovada, geradora ela mesma de implicações hermenêuticas importantes. Com efeito, para a interpretação de um texto com a importância desta sequência inaugural do Sermão da Montanha, não é indiferente o leitor partir do pressuposto de que S. Mateus perfilha uma retórica que o remete para o vasto horizonte da estética e da pragmática bíblicas, designadamente ao nível da configuração final do tecido textual.

Composição da sequência

A questão dos limites da perícopa liga-se à da sua composição interna. Importa, pois, demonstrar a divisão e a organização interna da sequência, decisivas para se assegurar a sua coerência formal.

Roland Meynet enumerou, relativamente a Mt 5,13-16, as questões em causa ao nível intratextual:

[...] o problema está na organização interna dos versículos 3-12; por outras palavras, a questão é o número das 'bem-aventuranças' em Mt: sete segundo a predilecção de Mt, oito se contarmos apenas as que exibem a mesma composição ('bem-aventurados' [...] porque [...]), ou nove se considerarmos o número das ocorrências da palavra 'bem-aventurados'? O versículo 10 e o versículo 3 – mercê da identidade dos respectivos segundos membros: «porque deles é o reino dos céus» – funcionam como inclusão para uma única unidade (3-10)? Não funcionarão estas duas ocorrências como termos iniciais de duas unidades distintas (3-9 e 10s)? Mais ainda: o limite entre as duas unidades deverá situar-se entre 10 e 11, ou entre 9 e 10?

Por si só, o leque destas questões certas já comporta caminhos seguros de resposta; o mesmo é dizer: critérios sólidos para a divisão interna da se-

quência. O principal critério para tal divisão há-de ser aquele que nos permita reconhecer uma composição regular, dotada de uma unidade de sentido e de uma coerência, ambas as quais indiscutivelmente decorrentes das relações internas entre as unidades inferiores presentes no texto, a saber: os segmentos e seus membros¹⁰, e os passos.

A proposta que aqui abraçamos para a divisão da sequência é da autoria de Roland Meynet¹¹. O autor começa por notar uma divisão entre o versículo 9 e o versículo 10. Deste modo, torna-se possível reconhecer uma composição regular, em três *passos*, constitutivos de uma *sequência* concêntrica.

1.º Passo: Mt 5,3-9

³ Bem-aventurados os pobres <i>em espírito</i>	PORQUE deles é o reino DOS CÉUS!
⁴ Bem-aventurados os mansos	PORQUE eles <i>HERDARÃO</i> a terra!
⁵ Bem-aventurados os que-choram	PORQUE eles serão-consolados!
⁶ Bem-aventurados os com-fome e com-sede DA JUSTIÇA	PORQUE eles serão-saciados!
⁷ Bem-aventurados os misericordiosos	PORQUE eles receberão-misericórdia!
⁸ Bem-aventurados os puros <i>de coração</i>	PORQUE eles a Deus verão!
⁹ Bem-aventurados os pacificadores	PORQUE eles <i>FILHOS</i> de Deus serão-chamados!

Sobressai, desde logo, a regularidade das sete bem-aventuranças, em forma de septenário, constituído por sete segmentos bimembros, dispostos em três ‘trechos’¹²: 3-4, 5-7 e 8-9. Os dois trechos extremos (3-4 e 8-9) estão formados por dois bimembros paralelos, ao passo que o trecho central (5-7) compreende três bimembros.

O primeiro membro de cada segmento compõe-se de uma declaração de bem-aventurança (*makarioi*), seguida dos respectivos bem-aventurados, todos na terceira pessoa do plural. O segundo membro de cada bem-aventurança indica a

¹⁰ R. Meynet define o ‘segmento’ como uma unidade retórica dos ‘níveis inferiores’ (i.e., não autónomos), composta de ‘membros’ (ou seja, grupo de ‘termos’) equivalentes aos sintagmas nominal e verbal + complemento (facultativo). À luz da forma clássica que (em textos bíblicos) é o *parallelismus membrorum*, poderão os ‘segmentos’ ser unimembros, bimembros, ou trimembros.

¹¹ Seguimos também muito de perto a justificação que, para a divisão do texto, Meynet propõe em «I futti dell’analisi retorica» 407-410, ulteriormente desenvolvida em *Traité de rhétorique biblique*, 362.364-365.

¹² O ‘trecho’ («morceau») compreende um, dois, ou três segmentos; é uma unidade dos ‘níveis inferiores’ (não autónomos).

razão pela qual os grupos evocados são declarados 'bem-aventurados'. De notar a extrema concisão de cada membro, bem como o equilíbrio rítmico de cada um dos sete segmentos¹³. Esta estrutura, que decorre do *parallelismus membrorum*, típico da retórica hebraica, distingue as primeiras sete bem-aventuranças como «um dos passos mais cuidadosamente arquitectados do evangelho»¹⁴.

1.º trecho do 1.º passo: Mt 5,3-4

Os dois primeiros segmentos formam o primeiro trecho (vv.3-4). Nos seus respectivos segundos membros há uma alternância da forma verbal no presente (3b) com a forma verbal no futuro (4b). Os complementos directos que lhes correspondem são, paradoxalmente, 'o reino dos Céus' (3b) e 'a terra' (4b). Dizemos *paradoxalmente* porquanto, em atenção aos tempos verbais, a ordem a esperar seria exactamente a inversa: 'a terra' associada ao presente, e 'os céus' associados ao futuro. Contudo, se tivermos em conta as ligações destas duas primeiras bem-aventuranças com o seu contexto no todo da sequência, logo verificamos que o presente do indicativo da primeira bem-aventurança é paralelo ao presente do indicativo exibido pela primeira bem-aventurança do segundo passo (10-12). Uma relação evidente se estabelece, assim, entre o v. 3 e o v. 10, seja ao nível lexical (com a repetição do segundo membro em 3 e 10) seja ao nível da posição (ambos surgem como primeiros segmentos do respectivo passo).

2.º trecho do 1º passo: Mt 5,5-7

O dado mais saliente é, aqui, a 4.ª bem-aventurança (v. 6), com a forma diversa e a maior extensão do seu primeiro membro, e com a consequente variação no ritmo. Os bem-aventurados são aqui designados por dois participios ('os que têm fome e sede') qualificados por um terceiro termo: a 'justiça'. Como bem salienta Meynet, a *justiça* ocupa o centro da bem-aventurança central deste primeiro passo. Além disso, ao nível não já do trecho central (5-7), mas do passo no seu todo, o contexto desta 4.ª bem-aventurança inclui as três bem-aventuranças que a precedem e as três outras que se lhe seguem¹⁵.

¹³ Conforme veremos, na secção sobre a *critica textus*, a ordem dos versículos 4-5 com que deparamos no *Codex Bezae*, e que adoptamos (contra a ordem dos mesmos versículos proposta pela edição do texto grego de Nestle-Aland), é inteiramente coerente com a regularidade deste primeiro passo.

¹⁴ M. A. POWELL, «Matthew's Beatitudes: Reversals and Rewards of the Kingdom», *Catholic Biblical Quarterly* 58 (1996) 461.

¹⁵ *Traité de Rhétorique*, 364.

O contexto imediato da bem-aventurança central (6) é formado pelas duas bem-aventuranças que a emolduram e que com ela formam um só trecho (5-7). Com efeito, os seus segundos membros correspondem, em grego, a um só lexema, e os modos destes três verbos são idênticos: passiva (i.e., *passivum divinum*), futuro, 3.^a pessoa do plural.

3.^o trecho do 1.^o passo: Mt 5,8-9

As considerações a ter em conta sobre o terceiro trecho decorrem de uma análise de conjunto do passo no seu todo.

Salta à vista o dinamismo de continuidade entre as sete bem-aventuranças, que se traduz nos jogos de simetria vocabular. A simetria mais óbvia dá-se entre 8 e 3, onde ‘Céus’ corresponde a um outro nome para ‘Deus’ e o complemento ‘em espírito’ remete para o complemento ‘de coração’ (ambos em dativo, no grego). O v. 9 é simétrico do v. 4: ‘filhos [de Deus]’ remete para ‘herdarão’, pois ser filho é ser herdeiro¹⁶; do mesmo modo, os ‘constructores da paz’ comungam o significado de ‘mansos’, na medida em que ambos os termos excluem do seu horizonte semântico a violência. No trecho central, surgem ainda outras simetrias mais subtis: no termo *penthountes* / ‘os-que-choram’ (v. 5) (lágrimas de luto, por exemplo) denota-se uma relação interpessoal que foi interrompida ou quebrada; por sua vez, o termo *eleêmones* / ‘misericordiosos’ (v. 7) evoca, de algum modo, o reatamento (com um toque de divino, porquanto a *misericórdia* é um dos atributos divinos mais celebrados na Bíblia) nas relações humanas. Nesta linha das relações, quer ao nível inter-humano (‘os constructores da paz’, v. 9), quer ao nível da relação do homem com Deus (vv. 8 e 9), surge a 6.^a e a 7.^a bem-aventurança.

Entre o primeiro e o segundo trecho (vv. 5-7) devemos notar, no grego, a ligação através da aliteração do *p*-, nos primeiros membros dos vv. 3.4.5 e 6 (*ptôchoi – praeis – penthountes – peínôntes*). Ainda nos primeiros membros destas sete bem-aventuranças, salienta-se a condição *actual, no presente*, daqueles que são declarados ‘bem-aventurados’. Esta condição *presente* é explicitada particularmente no segundo trecho, através do participio presente verbal na 3.^a e na 4.^a bem-aventurança (‘os que choram’ [*penthountes*], ‘os que têm fome e sede’ [*peínôntes kai dipsôntes*]). No entanto, a assinalar a autonomia deste segundo trecho, surgem, no final dos segundos membros (4.6.7), os três verbos na voz passiva, com idêntica terminação (*-thêsontai*). Esta uniformidade verbal contrasta com o primeiro trecho e com o terceiro: no primeiro trecho, os segundos membros apresentam ambos os verbos na voz activa, mas o presente (v.3) alterna com o

¹⁶ Cf. MEYNET, *Traité de Rhétorique*, 362.

futuro (v.4); no terceiro trecho, ambos os verbos se apresentam no futuro, mas a voz activa (v. 8) alterna com a passiva (v.9). O quadro verbal daqui resultante é o seguinte:

- primeiro trecho:
 - 1.^a bem-aventurança: presente / voz activa (v. 3);
 - 2.^a bem-aventurança: futuro / voz activa (v. 4);
- segundo trecho:
 - 3.^a, 4.^a e 5.^a bem-aventurança: futuro / voz passiva (vv. 5.6.7)
- terceiro trecho:
 - 6.^a bem-aventurança: futuro / voz activa (v. 8)
 - 7.^a bem-aventurança: futuro / voz passiva (v. 9).

Desta análise retórica do primeiro passo decorrem duas conclusões que passamos a referir.

1. As primeiras sete bem-aventuranças contemplam situações humanas e atitudes pessoais *no presente*. As promessas com que serão agraciados estes sete tipos de 'bem-aventurados' situam-se predominantemente no *futuro*; por outras palavras, embora *ainda não* em plenitude, no *presente já é tangível*, na boca de Jesus, a manifestação da bênção escatológica por Ele anunciada e inaugurada. Nesta tensão entre o presente e o futuro, o tempo verbal *presente* de um verbo fundamental, como é o verbo 'ser', surge no segundo membro da bem-aventurança inaugural e repete-se no início do segundo passo, com a mesma função, significativamente associado com o 'Reino dos Céus'. O presente do indicativo do Reino, anunciado por Jesus, surge assim numa posição retoricamente privilegiada: início das bem-aventuranças, começo do Sermão da Montanha, inauguração da pregação pública de Jesus. No entanto, a predominância do tempo futuro e da voz passiva salienta que esse Reino celeste é *dom* a ser *doravante* recebido.

2. A óbvia coerência e regularidade deste passo desencadeia um clima paradoxal de *bem-aventurança*, que se inicia nas sete primeiras bem-aventuranças e culmina nas bem-aventuranças da perseguição, no 2.^o passo (vv. 10-12). O facto de um conjunto de situações humanas, tão vasto e diversificado, ser objecto da declaração de bem-aventurança por parte de Jesus, estabelece um vínculo particular com a sua missão kerigmática e com a sua própria pessoa. Não admira que esse vínculo venha a ser longamente explicitado, não sem um toque de emoção, que se manifesta na forma retórica aparentemente irregular da última bem-aventurança (v.11), sobre os perseguidos 'por *Minha* causa'.

2º passo: Mt 5,10-12

¹⁰ Bem-aventurados os perseguidos *por causa DA JUSTIÇA* PORQUE deles é o reino DOS CÉUS!

¹¹ – [vós] sois bem-aventurados!

: Quando vos insultarem
e perseguirem

: e disserem todo o mal contra VÓS, mentindo,
por causa de MIM,

¹² - alegrai-vos! E exultai PORQUE a vossa recompensa é grande NOS CÉUS!

Do-mesmo-modo, de facto, perseguiram os profetas antes de-vós

É o passo central da sequência. A extensão do texto destas duas bem-aventuranças (quarenta e sete palavras) perfaz quase metade do total de palavras (cento e sete) que encontramos no conjunto das bem-aventuranças (vv. 3-12). Com suas trinta e cinco palavras, a última bem-aventurança (v.11-12) merece particular atenção. De repente, o ritmo regular dos vv. 3-10 aparece inteiramente alterado. A prótase do macarismo compõe-se de uma profusão de membros. É como se, no decorrer do passo, as palavras de Jesus adoptassem um registo dramático (na tripla menção da perseguição), conjugado paradoxalmente com um clímax de júbilo (na dupla exortação à exultação). Expliquemos por partes.

O primeiro segmento (v. 10) sobressai no conjunto da sequência, por razões de forma e de conteúdo. Ao nível da forma, ele surge no final da série de segmentos enunciados na terceira pessoa do plural (vv. 3-10). Ao nível do conteúdo, o seu primeiro membro (10a) retoma o termo ‘justiça’, que constitui o termo central (6) do primeiro passo¹⁷. Além disso, ao contrário do primeiro passo (3-9), onde não se fala da ‘perseguição’ (explícita, pelo menos), aqui ela é o conteúdo central, surgindo repetidamente o verbo ‘perseguir’ nos extremos e no centro (10a. 11c. 12c), com a repetição de «porque [...] céus» em posição simétrica (10b.12b). A expressão ‘[perseguição] por causa da justiça’ (10b) é clarificada pela expressão ‘por *minha* causa’ (11b); ou seja, é por causa da *justiça* e de *Jesus* que os discípulos serão perseguidos. O contexto intratextual da primeira ocorrência do termo ‘justiça’ no centro do primeiro passo (6) corresponde, assim, simultaneamente à segunda ocorrência do mesmo termo no v. 10 (‘por causa

¹⁷ S. Mateus aplica aqui a lei da retórica bíblica segundo a qual determinados conteúdos surgem no centro de um dado sistema e também no ponto extremo de um sistema que pretende acompanhar o sistema anterior. Trata-se da 4.ª lei de Lund, ou «lei do deslocamento do centro para as extremidades». Cf. Roland MEYNET, *Traité de rhétorique biblique*, 98.

da *justiça*'), e ao sintagma similar 'por *minha causa*', no versículo seguinte (11). Deste modo, o locutor, Jesus, coloca-se *a si próprio* na mesma linha da *justiça*¹⁸. Ao mesmo tempo, Jesus como que enxerta o destino dos discípulos – ou melhor, o destino dos que forem perseguidos por *sua causa* – na linha do destino dos profetas. Profetas, discípulos, justiça e Jesus surgem assim irmanados numa textura de relações urdidas pela bem-aventurança escatológica, pela bênção divina.

Num primeiro momento, a composição da última bem-aventurança afigura-se complexa, seja no âmbito deste segundo passo, seja no contexto da sequência. A prótase (vv. 11-12a), com seu aparente desequilíbrio ao nível da forma, constitui a principal fonte de dificuldades para quem desejar descortinar a sua possível estrutura interna.

Na realidade, porém, uma divisão regular e coerente afigura-se-nos perfeitamente defensável, se pressupusermos uma tripla divisão no passo: um segmento em cada extremo (vv. 10 e 12c), o primeiro dos quais bimembro (10), e unimembro o segundo segmento conclusivo (12c); no centro, um trecho correspondente ao núcleo da última bem-aventurança (vv. 11-12b)¹⁹. Notamos ainda a função de transição (rumo ao 3.º passo da sequência – vv. 13-16) desempenhada pelo advérbio *houtôs* ('também assim') a par da conjunção *gar* ('pois'); enquanto esta última *encerra* o discurso das bem-aventuranças, o advérbio, por seu lado, ao evocar o exemplo dos profetas estabelece uma *continuidade* entre a perseguição (presente e futura) dos discípulos de Cristo e a perseguição dos profetas (no passado); ao mesmo tempo, o advérbio, com seu discurso em chave de *comparação*, lança o discurso parabólico dos vv. 13-16, em que os discípulos são *comparados* ao 'sal da terra' e à 'luz do mundo'; mais: o mesmo advérbio comparece no v. 16, em função alegorizante, aprofundando de algum modo a ligação entre as 'boas obras' dos discípulos no presente e no futuro (16a) e os profetas do passado (12c).

Reservámos para o fim a justificação da nossa proposta de composição da última bem-aventurança. Se suspendermos, ainda que provisoriamente, a pontuação convencional, ficaremos em posição de descortinar a forma subjacente aos vv. 11-12a. Consideramos estar perante dois segmentos, o primeiro dos quais configura uma composição concêntrica (a b c b' a'), com o verbo 'perseguir' como termo central (c), estreitamente unido aos termos simétricos '*vós*' (implícito em 11a) / '*contra vós, por causa de mim*' (b/b') nos quais é patente a importância dos pronomes e as *relações* cristocêntricas que tais pronomes supõem. Como termos extremos da composição, encontramos a declaração enfática de bem-aventurança (a: '[Vós] sois bem-aventurados!') e a exortação (mais enfática ainda) à exultação (a': 'alegrai-vos! E exultai [...]!'). No final de uma litania

¹⁸ Como justamente salienta MEYNET, *Traité de rhétorique biblique*, 364.

¹⁹ Tal é, nas suas linhas gerais, a proposta de MEYNET, *ibid.*, 364.

de bem-aventuranças, Jesus como que faz uma pausa, para, olhos nos olhos, se dirigir aos seus discípulos e, com todo o realismo decorrente do conhecido destino trágico dos profetas de Israel, abrir-lhes a mente e galvanizar-lhes o coração mediante a palavra/promessa da ‘grande recompensa’.

Num registo de exultação, uma vez mais, surge o segmento bimembro, formalmente independente: «alegrai-vos! E exultai porque [...]». A relação entre sinonímia e emoção desempenha um papel fundamental neste passo central, todo ele marcado por relações de sinonímia e de repetição, mormente entre o v. 10 e o v. 3 [‘céus’] e 6 [‘(por causa da) justiça’]. Conforme ensina Luis Alonso-Schökel, a sinonímia, que nos recursos linguísticos da poética hebraica corresponde a «uma técnica para apresentar a variedade na igualdade [...], encontra o seu espaço privilegiado nos géneros onde predomina a emoção»²⁰. Tal é justamente o caso da última bem-aventurança. Toda ela surge repassada pelo *tom emotivo* com que Jesus alude ao destino dos *seus* discípulos. Mercê desse registo emotivo – assim parece –, S. Mateus transmite-nos esta bem-aventurança em conformidade formal com os cânones hebraicos da sinonímia.

Deste modo, Jesus encerra os seus macarismos com uma vibrante exortação ao júbilo na perseguição; não uma perseguição inqualificada, mas uma perseguição por *Sua* causa o júbilo aqui em questão como que abre o *presente* da tribulação ao *futuro* da glória, pois está em causa a ‘grande recompensa’ reservada ‘no Céu’ aos discípulos de Jesus. A sua bem-aventurança é duplamente qualificada: há-de ser por ‘causa de Jesus’ e, simultaneamente, *semelhante* ao destino dos profetas de Israel. Ser perseguido surge, assim, aos olhos dos discípulos de Cristo, como um *theologoumenon* da vida cristã.

²⁰ *A Manual of Hebrew Poetics*, Roma: PIB, 1988, 67.71.

3.º passo: Mt 13-16

¹³ VÓS, sede O SAL da terra!	
Se o sal, porém, se-corromper,	com que se-há-de-salgar?
Para nada serve,	excepto para ser-deitado fora
	para ser-pisado pelos homens.

¹⁴ VÓS, sede A LUZ do mundo!	
Não pode uma cidade estar-escondida	sobre um monte situada;
¹⁵ nem se-acende uma candeia	para colocá-la debaixo do alqueire
mas em-cima do candelabro	para que-ela-brilhe perante-todos os-que-estão na casa.
	¹⁶ Do-mesmo-modo brilhe a <i>vossa</i> luz perante os homens
	de-modo-que eles-vejam <i>as vossas</i> BOAS OBRAS
	e glorifiquem o <i>vosso</i> PAI que-está NOS CÉUS .

Com o pronome pessoal 'Vós', colocado em posição enfática no início, indica-se o começo de um novo passo, que se divide em dois trechos (13 e 14-16). Esta divisão decorre das duas exortações lacónicas de Jesus, em forma de segmentos unimembros (13a e 14a). Ao contrário da maioria, propomos a forma imperativa (exortativa) para a leitura da forma verbal – «*Sede vós o sal da terra! / Sede vós a luz do mundo!*». Com efeito, em grego, a grafia do imperativo é igual à do presente do indicativo. Em S. Mateus, a mesma construção – 'vós' [*hymeis*] + verbo no imperativo presente – pode verificar-se nos seguintes lugares:

- 7,12: '*fazei-o vós também a eles*';
- 24,33 (paralelo em Mc 13,29 e Lc 21,31): '*vós ficai sabendo que [...]*';
- 24,44 (paralelo em Lc 12,40): '*estai vós também preparados*'.

Veja-se também Mc 13, 23 ('*vós, ficai atentos*'), Lc 12,29 ('[*Vós*] não vos inquieteis'), Lc 17,10 ('*Vós [...]* *dizei [...]*'). Ao pronome e ao verbo 'ser', dos vv. 13 e 14, sucede uma expressão metafórica, precedida do artigo definido utilizado em sentido absoluto, indicando ênfase: '[sede vós] o sal da terra / a luz do mundo'.

O desenvolvimento de cada uma das exortações iniciais de cada trecho é paralelo quanto ao conteúdo, mas não quanto à forma. Realça-se a inutilidade, se não mesmo o absurdo, do sal que deixa de ser salgado e da luz que é escondida. No segundo trecho (14-16), encontramos dois desenvolvimentos da mesma parábola, ulteriormente complementados pela exortação final de Jesus, em três membros (v. 16).

Observem-se ainda as oposições entre o primeiro trecho e o segundo, mormente entre o v. 13d e o v. 16a: '*ser pisado pelos [hypo] homens*' (na voz

passiva) / *'brilhar perante [emprosthēn] os homens'* (na voz activa). Fica, assim, particularmente salientada a necessidade da atitude *activa* dos discípulos perante o mundo. Este imperativo final – 'Do mesmo modo, brilhe a vossa luz diante dos homens' –, que menciona pela terceira vez os 'homens' (cf. v. 13d, e implicitamente o v. 15b ['todos os que estão em casa']), sempre em posição simétrica aos discípulos (recorde-se o pronome 'Vós', no início de cada trecho) constitui o ponto de chegada da sequência, se não mesmo o seu clímax teológico.

A sequência Mt 5,3-16

³ Bem-aventurados os pobres em espírito	PORQUE deles é o reino DOS CÉUS!
⁴ Bem-aventurados os mansos	PORQUE eles <i>HERDARÃO a terra!</i>
⁵ Bem-aventurados os que-choram	PORQUE eles serão-consolados!
⁶ Bem-aventurados os com-fome e com-sede DA JUSTIÇA	PORQUE eles serão-saciados!
⁷ Bem-aventurados os misericordiosos	PORQUE eles receberão-misericórdia!
⁸ Bem-aventurados os puros de coração	PORQUE eles a Deus verão!
⁹ Bem-aventurados os pacificadores	PORQUE eles <i>FILHOS</i> de Deus serão-chamados!

¹⁰ Bem-aventurados os perseguidos por causa **DA JUSTIÇA** **PORQUE deles é o reino DOS CÉUS!**

¹¹ [Vós] sois **bem-aventurados!**

Quando vos insultarem e perseguirem e disserem todo o mal contra **VÓS**, mentindo, por causa de **MIM**,

¹² alegrai-vos! E exultai

PORQUE a vossa recompensa é grande NOS CÉUS!

Do-mesmo-modo, de facto, perseguiram os profetas antes de-vós

¹³ Sede **VÓS OSAL** da terra!

Se o sal, porém, se-corromper,

Para nada serve,

com que se-há-de-salgar?

excepto para ser-deitado fora

para ser-pisado pelos homens.

¹⁴ Sede **VÓS ALUZ** do mundo!

Não pode uma cidade estar-escondida

nem se-acende uma candeia

mas em-cima do candelabro

sobre um monte situada;¹⁵

para colocá-la debaixo do alqueire

para que-ela-brilhe perante-todos os-que-estão na casa.

¹⁶ *Do-mesmo-modo* brilhe a *vossa* luz perante os homens de-modo-que eles-vejam *as vossas BOAS OBRAS* e glorifiquem o *vosso PAI* que-está **NOS CÉUS**.

Após uma comparação do destino dos discípulos (perseguição) ao destino dos profetas (v.12), Jesus desenvolve o discurso *figurativo* iniciado em 12c,

aplicando aos discípulos ('vós') duas parábolas. Eles são chamados a ser 'o sal da terra' (13a) e 'a luz do mundo' (14a). O sentido deste discurso velado, por que parabólico (se não mesmo alegorizante), é desvelado no final do passo, e da própria sequência (v.16), através da referência às 'boas obras', destinadas a brilharem para 'os homens' – termo que corresponde a 'terra' (13a) e a 'mundo' (14a). Estas 'boas obras' são o outro nome da 'justiça'. Deste modo, o contexto desta palavra, surgida no centro do septenário do primeiro passo (3-9), estende-se ao segundo (v. 10) e ao terceiro passo da sequência.

Conforme já assinalámos, observe-se a repetição de 'céus' (3.10b.12b e 16c); note-se o contacto entre 'o vosso Pai' (16c), e 'filhos de Deus' (9); e a repetição de 'ver' (8 e 16b).

Observámos, por nossa conta, no texto grego, a repetição do pronome 'vós' e do verbo 'ser' em 11-12 («Bem-aventurados *sois* [*este*] quando *vos* [*hymas*] ... perseguirem [...]») e nos vv. 13.14 [*Ymeis este*]. A mestria de S. Mateus em articular as bem-aventuranças (3-9.10-12) com o discurso parabólico (vv. 13-16) torna-se particularmente fascinante no vaivém entre o céu e a terra, ao longo da sequência. Nos vv. 3-12, o auditório de Jesus é convidado a dirigir os olhos da imaginação para o Alto ('Céus', v. 3), em seguida para a 'terra' (v. 4), e finalmente para os 'Céus' (8.9.10.12), onde os olhos e o coração ficam firmemente fixos, graças à relação indissolúvel com Cristo e à esperança da 'recompensa' divina (v. 12). No v. 13, Jesus traz-nos de volta à 'terra', se não mesmo à lama dos caminhos («[o sal inosso que é] pisado pelos homens», 13e). Surge, em seguida, um movimento ascensional, que, combinado com a metáfora da 'luz', parte da 'cidade sobre um monte' (v.14), sobe ao 'candelabro' da 'casa' (v.15), e, pelas boas obras dos discípulos, eleva o mundo até aos 'Céus', para aí ser acolhido na glória de um Deus que é Pai (v.16). O termo espacial 'Céus' torna, pois, patente a *inclusio* entre o início, o centro e o fim da sequência²¹. As bem-aventuranças como que espelham, na terra, a glória do Pai que está nos Céus.

Mas há mais. Enquanto nos vv. 8-9 e 11-12 se descreve o estatuto dos fiéis como cidadãos dos Céus, em íntima simbiose com Deus, os vv. 13-14 encaram o seu estatuto como cidadãos terrenos do 'mundo', em sua relação com 'os homens' (v.16). Se no v. 8 o seu estatuto lhes permite 'ver' a Deus, no v. 16 os fiéis não-de 'ser vistos' pelos 'homens'. Por outro lado, enquanto os vv. 11-12 procuram galvanizar os discípulos perseguidos com a perspectiva da 'grande recompensa' 'nos céus', os vv. 13-16 confrontam-nos com as duras tarefas a levar a cabo, neste mundo carente de 'sal' e 'luz'. Quando, nos vv. 13 e 14, se repete o pronome e o verbo comuns ao v. 11 ('ser' e 'vós'), o conteúdo deixa de ser a

²¹ Observações similares em H.D. BETZ, *The Sermon on the Mount*, 155.

bem-aventurança celeste, para passar a ser as ocupações da vida quotidiana cá em baixo – numa palavra, a missão cristã no mundo.

Não serão estes, que acabamos de apresentar, os únicos modos de ver a conexão entre os três passos (vv. 13-16, vv. 3-9 e vv. 10-12) de que se compõe a sequência em Mt 5,3-16. Cumpre notar também a lógica interna que fundamenta, no estatuto *já* alcançado por dom divino (vv. 3-9), a missão ‘terrena’ do auditório de Jesus – um caso de imperativo decorrente do indicativo (comparável às exortações de S. Paulo em Gl 5,1).

Em consequência de tudo o que vimos, o terceiro passo (vv. 13-16) surge inextricavelmente costurado com as bem-aventuranças, como sua consequência parenética. Ao nível da sua relação com o Sermão da Montanha, a função destas duas parábolas sobre ser ‘sal’ e ‘luz’ surge, desde logo, como função *introdutória*, conexas com a função das bem-aventuranças.

Em conclusão, esta divisão, longe de dividir as bem-aventuranças em duas perícopas, permite entrever que a sua conexão se dá, não ao nível do passo, mas ao nível superior da sequência, na qual se vê, para efeitos de estruturação da sequência, o papel central desempenhado pelas bem-aventuranças da perseguição (vv. 10-12). Além de estes versículos centrais se concertarem com o passo precedente (vv. 3-9), estão também em relação com as duas parábolas do sal e da luz.

II. Crítica Textus

Na discussão sobre a versão original do texto de Mt 5,3-16 persistem duas *cruces interpretum*²² que continuam a suscitar vivo debate.

a) A *ordem* da segunda e da terceira bem-aventurança (Mt 5,4-5): «bem-aventurados os que choram» seguir-se-ia originalmente a «bem-aventurados os mansos», ou o inverso é que terá sido o caso? Embora a maioria dos comentários e das traduções prefira a ordem ‘os que choram’ (v.4) seguidos de ‘os mansos’²³, o único ponto em que os biblistas estão de acordo é quanto ao facto de nenhum argumento conclusivo poder surgir do testemunho dos manuscritos, porquanto, como recorda Dom Jacques Dupont, «ambas as versões remontam ao século II».²⁴

²² Além de uma dúzia de outras pequenas variantes.

²³ Cf. U. LUZ, *Matthew 1-7*, 226; D. A. HAGNER, *Matthew 1-13*, Word Biblical Commentary 33A, Dallas 1993, 87; W. F. ALBRIGHT-C. S. MANN – *Matthew*, Anchor Bible 26, Garden City-NY 1971, 45.

²⁴ *Les Béatitudes, I: Le texte*, 252. Contudo, a proposta de B. Metzger merece consideração: «Se os vv. 3 e 5 estivessem juntos, com sua antítese retórica entre céu e terra, seria improvável que algum escriba viesse a intercalar o v. 4 entre ambos. Por outro lado, logo no século II os copistas

b) O inciso 'mentindo' (*pseudomenoi*) deverá ser incluído no texto, ou deverá ser omitido?²⁵ Cumpre reconhecer que as grandes testemunhas da tradição Ocidental²⁶ fazem parte do aparato crítico de manuscritos subjacentes à omissão do controverso termo. Por seu lado, a possibilidade de o mesmo termo figurar na última bem-aventurança é sustentada pelo resto da tradição manuscrita, incluindo o 'Majority text'. Nestle-Aland²⁷ decidiram incluir *pseudomenoi* no texto, dentro de parênteses rectos, assinalando desse modo o equilíbrio reinante quanto às probabilidades a ter em conta no acto de transcrever (ou não) o termo.

Para uma solução adequada à questão a), deverão ser devidamente valorizadas razões de retórica bíblica, as quais explicariam as hesitações da tradição textual²⁸ a partir de uma redacção originária que, supostamente, colocava os 'mansos' a par dos 'pobres', e não depois da bem-aventurança dos 'que choram'. Essencial, para o efeito aqui em apreço, será a noção de *parallelismus membrorum*, que não raro permite corrigir os erros dos copistas, ou mesmo verificar e confirmar uma correcção oferecida por um manuscrito ou uma antiga versão. A construção regular – isto é, em forma de *parallelismus membrorum* – há-de ser vista como efectivamente inerente às primeiras duas bem-aventuranças²⁹. A confirmá-lo está – além do nexos de complementaridade entre 'céus' e 'terra', tão comum sobretudo na poesia bíblica – o nexos sinónimo entre 'pobres em espírito' (v. 3) e 'mansos' (v. 4) ao nível do hebraico subjacente a ambos os lemas. Com efeito, ambas as expressões mergulham as suas raízes semânticas nos adjectivos verbais sinónimos 'ānî / 'ānāw (plural: 'ānîm / 'ānāwîm)³⁰. Por si só, este facto indica que a bem-aventurança dos 'mansos' é uma duplicação da bem-aventurança dos 'pobres em espírito' e dela inseparável, porquanto ambos os versículos configuram um caso de paralelismo sinónimo. A tendência para

inverteram a ordem das duas bem-aventuranças de modo a reproduzirem essa antítese, e assim colocarem *ptôchoi* e *prais* em conexão mais próxima.

²⁵ A grande dificuldade em determinar o texto original reflecte-se na divisão actualmente existente entre os autores. Uma lista das posições contrastantes e respectivos defensores encontra-se em M.W. HOLMES – «The Text of Matthew 5,11», *New Testament Studies* 32 (1986) 283-286.

²⁶ Tal como o *Codex Bezae* (D), diversos códices da *Vetus Latina*, o testemunho de Tertuliano – a par de dois importantes testemunhos manuscritos da tradição siríaca (sy^{s,c}).

²⁷ *Novum Testamentum Graece*, 27.^a ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

²⁸ Reflectida na opção de Nestle-Aland, que segue o *Codex Bezae*.

²⁹ Esta mesma possibilidade, sem avançar com os argumentos que aqui propomos, entreviu-a R. MEYNET, *Traité de rhétorique biblique*, 511; IDEM, «I frutti dell'analisi retorica», 408.

³⁰ Em regra, a LXX verte 'ānî por *ptôchos* (presente em Mt 5,3) e com o termo *prais* (presente em Mt 5,4) verte 'ānāw. Cf. DUPONT, *Les Béatitudes, II: La Bonne Nouvelle*, 26; M. DUMAIS, *Le Sermon sur la Montagne*, p. 114.

separá-las, atestada por uma tradição textual respeitável³¹, poderá ser plausivelmente compreendida a partir da ignorância do hebraico e do aramaico por parte dos copistas gregos, que os impedia de caírem na conta da proximidade entre dois versículos que, em grego, se apresentavam semanticamente diferentes entre si. Ignorância esta a que se adicionaria, na proposta atraente de Dupont³², a possibilidade de os copistas gregos considerarem mais lógico colocar os ‘que choram’ a seguir aos ‘pobres’, e deslocar os ‘mansos’ para a mesma órbita moral dos ‘que têm fome e sede de justiça’ (v. 6) e dos ‘misericordiosos’ (v.7).

Quanto à questão da inclusão ou eliminação do termo *pseudomenoi* no v. 11, correspondente à última bem-aventurança, é ao próprio leitor³³ que cabe, em última análise, o ónus da decisão final, conforme pudemos depreender a partir do testemunho ambivalente da tradição manuscrita.

Sintomaticamente, a análise retórica de Roland Meynet não prevê a inclusão de *pseudomenoi* na última bem-aventurança. Que nós saibamos, as razões dessa decisão ainda não foram explicadas publicamente pelo exegeta francês³⁴. Ousaríamos supor que, coerentemente com a sua preferência pelo *Codex Bezae* em relação à ordem das três primeiras bem-aventuranças (pobres / mansos / os que choram – em virtude do *parallelismus membrorum* entre as duas primeiras), também em Mt 5,11 Meynet se mostra sensível ao peso da tradição manuscrita Ocidental, representada pelo mesmo *Codex Bezae*, o qual exhibe uma versão retoricamente mais elegante, porquanto a presença de mais um termo (*pseudomenoi* neste caso) só acrescentaria desequilíbrio formal a um segmento já de si complexo, com seus três verbos (‘insultar’, ‘perseguir’, ‘dizer mal’).

³¹ Que inclui os mais antigos manuscritos (séc. II), ao mesmo tempo que corresponde a uma ampla diversidade geográfica – testemunhos textuais do grupo alexandrino (manuscrito 33, Orígenes, etc.), a par de manuscritos do grupo ocidental (*Codex Bezae*, maioria dos códices da *Vetus latina* e da *Vulgata*), do grupo siríaco e do grupo Cesareano.

³² *Les Béatitudes*, I, 252-253. Na mesma linha, L. SABOURIN, *Il Vangelo di Matteo: Teologia e Esegese*, I, Roma 1976, 367, n. 59. A posição maioritária é propagada em particular por B. METZGER, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, Deutsche Bibelgesellschaft / United Bible Society, Stuttgart 1993, 10.

³³ Não é decisiva a síntese das possibilidades oferecida por Bruce Metzger: «a ausência da palavra na tradição Ocidental [...] pode ser explicada a partir da acomodação do versículo, por parte do copista, à forma paralela que a bem-aventurança tem em Lucas (Lc 6,22). Por outro lado, os diversos copistas sentir-se-iam tentados a inserir a palavra, de modo a encurtar a ampla generalização presente nos ensinamentos de Jesus, e assim exprimirem precisamente aquilo que se vislumbrava estar em causa, conforme indicado pelo assunto em questão (compare-se 1Pe 4,15 s.)» - *A Textual Commentary*, 10-11.

³⁴ Tanto quanto sabemos, as obras em que Meynet se debruça sobre as bem-aventuranças são o artigo «I frutti dell’analisi retorica» (p. 407-410), referido acima, e o *Traité de rhétorique biblique* (p. 362.364-365).

Eppur'... neste particular, *pace* Roland Meynet, a nossa posição é diversa.

Desde logo, não vemos razões para, por razões de retórica bíblica, se preferir o *Codex Bezae* em dois momentos críticos do mesmo texto mateano (i.e., quando está em causa estabelecer a ordem de Mt 5,3-5; e quando está em questão a inclusão de 'mentindo' em Mt 5,11) e, na mesma sequência textual, não seguir o mesmo *Codex Bezae*. Com efeito, no mesmo versículo que é Mt 5,11, Meynet, na esteira da maioria dos tradutores, prefere ler 'por causa de Mim' / *heneken emou*, preterindo assim o *Codex Bezae*³⁵, que lê 'por causa da justiça' / *heneken dikaiosynês*, um termo central no primeiro passo (Mt 5,6) e que é retomado no início (v.10) deste passo central da sequência, conforme Meynet propugna na sua delimitação interna de Mt 5,3-16.

A nosso ver, a necessidade de manter *pseudomenoi* na última bem-aventurança é defensável, até certo ponto, a partir do próprio contexto intratextual. Na nossa leitura da sequência Mt 5,3-16, a expressão «quando [...] *dixerem* todo o *mal* contra vós *mentindo*» (v. 11) há-de ser vista em oposição à expressão «para que *vejam* as vossas *boas* obras», que surge no passo subsequente (v. 16). Os termos 'dizer...mentindo' e 'mal' (v.11) opõem-se a 'ver...obras' e 'boas'. Em ambos os passos Jesus *emite juízo*: no v. 11 Jesus julga um *dizer*; no v. 16 Jesus julga um *fazer*. Em ambos os casos, seja o termo 'mentir' (v. 11), seja o termo 'boas' são indispensáveis para explicitar a função de Jesus como juiz, cuja função *judicial* se exerce em relação ao 'dizer' e ao 'fazer'.

Para lá das razões de natureza *retórica*, cremos manterem-se válidas, na defesa da necessidade de manter *pseudomenoi* na última bem-aventurança, as razões propugnadas por Jacques Dupont³⁶. O termo *pseudomenoi*, longe de ser glosa de copista como propõe Metzger, ecoa toda uma tradição parenética bem atestada na Igreja dos primórdios. Com efeito, a noção de *perseguição* dos discípulos de Cristo *em virtude de serem discípulos de Cristo*, surge nos evangelhos e nas cartas pastorais, exibindo evidentes contactos com a bem-aventurança de Mt 5,11. Na lista que se segue, de textos do Novo Testamento, salientamos os cruzamentos temáticos com a bem-aventurança da perseguição (Mt 5,11-12):

- Mc 13,9-13: «Hão-de entregar-vos aos tribunais, sereis açoitados nas sinagogas e comparecereis diante dos governadores e dos reis *por minha causa*, para dar testemunho diante deles. [...] Quando vos levarem para serdes entregues, não vos inquieteis com o que haveis de *dizer* [...]. E sereis *odiados* por todos, *por causa do meu nome*, mas aquele que se mantiver firme até ao fim *será salvo*» (paralelos sinópticos em Mt 10,17-22 e Lc 21,12-19).

³⁵ E a *Vetus Latina*.

³⁶ *Les Béatitudes*, I, 228.

- Mt 24,9-13: «Iráo entregar-vos à tortura e à morte e, *por causa do meu nome*, todos os povos irão *odiar-vos*. Nessa altura, muitos sucumbirão e hão-de trair-se e odiar-se uns aos outros. Surgirão muitos *falsos* profetas, que hão-de *enganar* a muitos [...], mas aquele que se mantiver firme até ao fim *será salvo*».

- 1 Pe 4,13-15: «*alegrai-vos*, pois assim como participais dos sofrimentos de Cristo, assim também *rejubilareis de alegria* [...]. Se sois *ultraçados* pelo *nome de Cristo*, *bem-aventurados* sois vós [...]. Se [algum de vós] sofre *por ser cristão*, não se envergonhe, antes glorifique a Deus *por ter este nome*» (cf. 1,6; Tg 1,2.12).

- Hb 10,32-36: «Recordai os primeiros dias nos quais [...] suportastes a grande luta dos sofrimentos, [...] sendo *expostos publicamente* a *insultos e tribulações* [...]. Não percais, pois, a vossa confiança, à qual está reservada *uma grande recompensa*».

Aceitar esta argumentação significa, do nosso ponto de vista, considerar desnecessários, na influente edição de Nestle-Aland do texto grego do Novo Testamento, os parênteses rectos que circundam o termo *pseudomenoi*. Deviam, por isso, ser eliminados de uma vez por todas.